

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Journal do Brasil Class.: 28  
 Data: 12/04/80 Pg.: \_\_\_\_\_

*Tupiniquins ocupam escola e creche no E. Santo para acabar com a discriminação*

**Vitória** — Os índios tupiniquins, do posto de Caieiras Velhas, no Município de Aracruz, a 60 quilômetros desta Capital, invadiram ontem o grupo escolar, o posto de saúde e a creche do Governo do Estado e da Prefeitura para servirem apenas a seus parentes. Alegam que são discriminados no tratamento dispensado pelos funcionários.

“Hoje (ontem) nós vamos ter aula no grupo. Os nossos filhos vão deixar de estudar num chiqueiro e os filhos dos brancos em prédio bom”, disse o cacique José Sizenando para justificar a atitude de expropriação dos prédios públicos. Explicou que enquanto os filhos dos índios estudam num barracão, os dos posseiros desfrutam do confortável grupo escolar e ainda freqüentam, com exclusividade, a creche e o posto de saúde.

**HUMILHAÇÃO**

O cacique esclareceu que sua atitude não é isolada; que tinha sido tomada em decorrência de outra do conselho da tribo, composto de 10 índios, após frustrados entendimentos com o Secretário de Educação, Stélio Dias. Quinta-feira, de manhã, eles foram ao grupo escolar à frente de 40 crianças da tribo e da professora Maria Oliveira dos Reis, da Funai, arrombaram a porta e colocaram todos dentro da sala de aula.

A mesma atitude foi tomada logo em seguida no posto de saúde e na creche. Depois da invasão, o cacique José Sizenando disse que os índios estavam dispostos a reagir de qualquer forma para manter os três prédios em seu poder. “A palavra que dei, não abaixo não”, disse ele ao chefe do posto da Funai, Moacir Cordeiro Melo, que na hora tentou demovê-lo.

Entretanto, o chefe do posto reconheceu inúmeros fatos que davam razão à atitude dos índios, embora, àquela altura, temesse represálias policiais, lembrando que o delegado de polícia do município é desafeto dos índios, já que habitualmente os incomoda com diligências e prisões dentro do posto indígena, sob as mais variadas alegações.

O representante da Funai conseguiu conversar com o Sub-secretário de Educação do Governo do Espírito Santo, Paulo Magalhães, que impediu a ida à área do delegado de polícia. Preferiu mandar um representante de sua Secretaria para dialogar com os índios. De prudência, também, foi a atitude do Prefeito Heraldo Musso, a despeito de se encontrar pressionado pelos posseiros para assumir medida violenta. Ele preferiu entregar ao Governo estadual a condução do problema.